

A VANTAGEM



REVISTA POPULAR DE ORIENTAÇÃO RACIONAL

SUMÁRIO:

N.º 2

A ofensa da mentira é uma mentira, João Branco — O amor sensual, Anjeto Jorge — Aspétos, tentativas de uma filozofia da história, por Antonio Coimbra — Algumas palavras sobre a história da educação, Lucinda Tarares — Arte, secreto de Bento Faria — Maldezes, Araújo Pereira — A nossa ortografia — Expediente.

PROPRIETARIOS E DIRETORES: Grácio Ramos e Pinto Quartim
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua dos Mouros, 30, 2.º — LISBOA

Enc. e Tip. Fernandes — R. Retrazeiras, 5 e 7

Proprietários e Directores
GRÁCIO RAMOS & PINTO QUARTIN
TIP. FERNANDES
5, R. Retrozeiros, 1
— LISBÔA —

AMANHÃ

Sede provisória da
Redação e administração
R. dos Mouros, 30-2.º
Lisbôa (Portugal)

Revista popular de orientação racional

I SÉRIE

Lisbôa, 15 de Junho de 1909

NÚMERO 2

A ofensa da mentira é uma mentira

Na sociedade em que vivemos ha factos, que, se não fôsses o resultado de uma miseria moral profunda, dariam pasto á gargalhada frisadora do ridiculo e do disparate que elles conteem em si proprios.

Num desses casos está a mentira. Toda a gente, por esse mundo fóra, mente, mente descaradamente, a todo o momento, a toda a hora e em todos os logares — desde o interesse hypocrita — a hipocresia é uma modalidade da mentira — manifestado na pergunta banal «se passamos bem de saúde», até á afirmativa de que o ministro F. é um homem honrado, de immaculada honestidade, ha uma mentira pegada, constante, consagrada pela etiquêta, pela moral corrente, pelos costumes que até dedicam um dia do calendário para a sua glorificação máxima, e a que os peritos na arte de mentir — os jornalistas — correspondem galhardamente, profiando qual dêles deve mentir mais e melhor.

Mas se a moral burguesa assim pratica, convertendo-se a mentira a sua principal característica, essa mesmissima moral diz-nos hypocritamente que não devemos mentir. Por um lado, *na pratica*, diz-nos que devemos *saber viver*, — mentir — que *nem todas as verdades se dizem* — mentir — que devemos *guardar conveniencias* — mentir — etc., por outro, *em teoria*, proclama a condenação dessa mesma mentira que nos aciômas aplaude e manda seguir!

Um individuo mente, mente palpavelmente, mas ái daquele que se atrever a dizer-lhe: «você mente!» Tem logo uma questão ou um duelo, conforme a categoria dos personajens intervinientes.

O comerciante vende generos velhos e sedicões, declarando-os recebidos na remessa da vespera; o industrial falsifica os generos que produz; os consortes, profiam em enganarem-se mutuamente; o artista (?) faz obra para ganhar dinheiro, quando diz que trabalha pêla arte; o homem de ciencia e o juiskon-

sulto, fazem o mesmo: deturpam a verdade, alteram o sentido ás coisas; o politico, proclamando se patriota e amigo do *seu* povo, só trata de si. Todas as profissões se encontram imregnadas, saturadas pela mentira, — são uma mentira! Todos sabem que mentem, que estão sempre a mentir, e nos momentos sentimentais de franqueza amistosa e intima declaram, em confissão segredada, que mentem: «Mentir é uma necessidade». «O que seria de nós se não mentissemos?»

Pois bem, digâmos a todos esses individuos — que mentem! Todos se revoltarão, todos se indignarão! Bradarão logo, pondo as mãos no peito, que são homens honestos, que não podem deixar passar em claro semelhante offensa e que quem tal afirmativa faz não passa de um vil caluniador. O commerciante, declara-se «bemquisto e afamado commerciante da nossa praça»; o industrial «o átivo e zeloso industrial que á custa de um trabalho honesto conseguiu ocupar a situação que tem no nosso mundo industrial»; a esposa, «digna e meiga»; o esposo, «um ezemplar chefe de familia, um modelo de maridos»; o artista, «probo e consciencioso»; o sabio, «incansavel amigo da verdade»; o homem do fóro, «integerrimo»; o politico, «dedicado á causa publica, que com inconcusa probidade e incontestavel seriedade, com prejuizo da sua saude precaria, e dos seus interesses particulares, põe a sua pessoa, os seus haveres, o seu talento e enerjia ao dispôr da sua patria, etc., etc.

Ninguém quer, ninguém suporta o epfteto de mentiroso. Todos se revoltam e se julgam offendidos por lhes chamarem mentirosos. Mas todos o são!

Este contra-senso entre a pratica e a teória revela-nos o estado de adiamento moral em que se encontram as *nossas* sociedades, as sociedades moldadas e organizadas pelo criterio burguês. Diz-se que o mentir é desonesto, mas, por um lado, as instituições sociais leva-os a mentir; por outro, a falta de educação social, a falta de uma *moral experimental* que insine que as ações devem sêr de harmonia com as ideias, formando em cada individuo um sêr corrente, um caráter, — leva os igualmente, a não se importarem fazer o contrario do que pensam, a mentir. A moral burguesa ensina nos *coisas*, mas são puras metafisicas, sem realização pratica, efêtiva, porquanto ella propria contem aciômas que são o inverso do que proclama *em principio*. Identificada com a moral religiosa, atirou aos quatro ventos que a mentira é mal, é vicio, é pecado, mas não viu ou não quis ver

a pratica, e não reparou que tal doutrina berra com a sua fundamental organização social. Não soube, não quis ou não lhe conveiu definir em que consiste esse mal, esse vicio, esse pecado, de modo que se tornasse evidente, pratico, concreto, experimental. Pelo contrario, obstinou se propositadamente, a conservar o que é a mentira, num estado vago, na pura abstracção. Os individuos *não sabem* o que é a mentira. Sabem unicamente, porque lhe insinaram desde pequenos, que é um mal, que todos censuram, e que é tambem, por isso ou por outra coisa, uma ofensa o epíteto de mentiroso, como é para os espiritos infantis os varios epítetos com que se faz *ir d serra* qualquer companheiro do colejio. E' da praxe, é do *bom tom*, é proprio de toda a gente *que tem brio*, julgar-se ofendido quando lhe chamam mentiroso. Daqui essa indignação balôfa, hipocrita de todos os que são apodados de mentirosos, e que de si para si se riem ao verem-se, no intimo, realmente uns mentirosos e que o vil caluniador é que está no campo da verdade. Onde se encontra intensificada essa comedia burguez-moral é nos parlamentos. O politico profissional é por definição a mentira personificada. O *habil politico* é um cerebro substancialmente mentiroso, trapaceiro, trampolineiro. Os seus discursos de defesa governamental ou de opposição, em que se revela o seu *fino tino politico*, são um chorrilho de mentiras encadeadas, formando um todo a que se chama a oratoria parlamentar; são tecidos por uma serie de artimanhas, de *ficelles*, de raciocinios falsos, em que a má fé surge evidente, materialmente evidente. Mas se lhes chamam mentirosos indignam-se, barafustam, e o duello, essa outra mentira, vem completar a obra do falsario, arvorando a mentira em immaculada e honesta verdade.

Todos, portanto, nesta sociedade, mentem, mentem cinicamente, com o maior impudor; todos *praticam* a mentira; mas não podem suportar, não podem tolerar que lhes chamem mentirosos. Quanto muito poder se-á usar de perifrases como «não ser verdade», «estar equivocado», «não é bem assim», etc.; mas dizer redondamente a um individuo que mente, isso é uma ofensa, muito embora seja uma verdade palpavel. Todos teem consciencia de que mentem, mas não querem que lhes digam que mentem. Nesta sociedade hipocrita, o áto de mentir não repugna a ninguém, está nos costumes, nos habitos, nas profissões, mas a *qualificação desse áto*, como merece sê-lo, de sêr

uma mentira, é que ofende, é que indigna. *Praticar o dito* de mentir, isso nada vale; é coisa vulgar e não os ofende, mas chamar a esse ato o que elle é, é que constitue ofensa. Na moral vesga da actualidade, o proprio ato de mentir é bom, é util, é, até, honesto, pois que ninguem se julga desonrado por mentir, antes pelo contrario; mas o que ofende a sua honra é *dizer* a alguém que esse nosso ato é o que é — uma mentira! Não é desonesto praticá-lo, mas sim *dizer* que o praticamos, dando ás coisas o seu verdadeiro nome. A imoralidade não está, pois, como logicamente o devia sêr, no ato em si proprio, que praticamos, mas sim, no *nome* que se dá a esse ato, e que se convencionou sêr uma ofensa.

E assim, nesta sociedade pôdre, a propria moral é uma imoralidade — é a propria mentira, como a chamada ofensa da mentira é uma mentira.

JOÃO BRANCO.

O amor sécsual

Os espíritos superiores que vivem na serêna contemplação interior das fórmas mais bÉlas da Vida, as almas sensiveis e entuziastas a transbordar d'altruismo e d'abnegação d'entranhádo amor ao prócimo, pássam na terra incompreendidas e tristes, convulsionadas sempre e sempre pela misteriosa tortúra íntima que as rála e as consóme.

Espíritos de luz, almas d'amôr, gástan-se na constante e dolorosa idealização dum cõrpo perfeito de mulher, ardem num escêsso de vida moral que não pôde continuar se noutrem — fõgo íntimo e devoradõr que não encontra peito irmão a que se comuníque.

Ai dos tristes! A sua concêção da Belêza e do Amôr é alta de mais pâra a baixeza dos tempos que decorrem, e a sua vida psíquica, intensa em demazía perante sêres em que as funções dijestivas são as supremas funções vitais, é uma ardente combustão interior que ninguem evita, uma lenta consumção destruidora que ninguem compensa.

Pedem amizade e dão-lhes a intriga tõrpe, o *Deve* e *Haver* utilitarista; suplicam amor e oferécem-lhes a prostitução.

E enquanto sêres sem nobreza nem elevação anímica se refocilam no lôdo dos prazêres venais, êles

passeiam na terra o seu tédio pelas fórmulas vulgares da Vida, a grande tortura que nêles bróta da insatisfação dum ideal d'amôr que a época não comporta.

Ah! o amôr sécsual, pãra êles, deveria sêr alguma cousa bem diversa do que é agora!

Para sêr puro e verdadeiro, haveria de sêr livre. Livre de preconceitos que infamam, de regras que tiranizam e desvirtuam.

A mulher, colocada num plano economico igual ao do homem, tendo socialmente os mesmos direitos, não por igualdade de deveres, por identidade de missões a cumprir, mas sim pela sua simples condição de sêr humano, com logar marcado e assente no banquete da Vida.

Não a mulher-boneca, a mulher-escrava, a mulher-máquina de gôzo, a mulher sem personalidade que um pai, um irmão ou um amante tiraniza, mas a mulher dignificada e livre, a mulher dona do seu corpo e doza da sua alma, a mulher vivendo a mesma vida moral e mental do homem, e contribuindo com o seu esforço conciente e positivo pãra o progredimento da sociedade, pãra o embelezamento da Vida.

A mulher libertada do preconceito estúpido da Honra, que a fórça a imolar a sua parte de gôzo e de bem-estar no altar da Virjindade; a mulher libertada das aperreantes condições economicas que a obrigam a entregar-se á prostituição, êsse cancro que rói a sociedade moderna, condenáda á morte sem remedio.

Os dois sécsos entregando-se livremente, na plenitude do seu vigôr e do seu desejo, e amando-se livremente, por tempo indeterminado, sem regras pré-estabelecidas, sem sujeição á vontade de terceiro, escutando tão só, pãra se amarem e procrearem, a voz íntima do coração, os ditâmes rétos da vontade.

Conseqüentemente, a Família legal, baze de toda a discórdia humana, destrufda pãra sempre.

Desde o dia em que nasceu o sêr humano pertence-se, constitue uma individualidade a respeitar.

A protêção á infancia a dentro da Família atual, é o despotismo mascarado.

O filho é pertença de seus pais, como a mulher é pertença de seu esposo: o sentimento da propriedade estendendo-se dos objéto ás pessoas.

Ora, amar não é oprimir; protejer não é tiranizar.

O *respeito* eziijido pelos pais aos filhos, é absurdo e caricáto — consequência do principio d'autoridade:

vassalagem dos pequenos para com os grandes. Deve pois cessar.

E, d'essarte, o amôr se nobilitaria e engrandeceria, se tornaria, de contráto mercenário e puramente carnal que é, em aliança pura e digna de duas almas e de dois corações, de dois espiritos e de dois corpos, aliança em que iriam implícitos o rejuvenescimento da raça e a belêza da Vida.

E, então, os espiritos superiores que vivem na serena contemplação interior das fórmas mais bêlas da Ezistencia, as almas sensiveis e entuziastas a transbordar d'altruísmo e d'abnegação, d'entranhado amôr ao prócimo, élas que agora sofrem e choram — ái dos tristes! ái dos tristes! — no destêrro implacavel da sua desolação, seriam felizes e plácidas, vendo materializar-se num corpo puro de mulher o seu grande, o seu alto, o seu inatinjível ideal de Belêza e d'Amôr!

ANJELO JORJE.

ASPÉTOS

(Tentativas duma filozofia da História)

AO SR. M. BORJES GRAINHA

I

Nas minhas horas belas de sereno e integro pensar, quando, afastado das coisas mesquinhas do mundo existente, me aventuro a uma conceção pura e elevada, aprás-me contemplar, atento, os irregulares trilhos da evolução humana. É a humanidade, na sua marcha aventureira através da Historia, antólha-se-me como que um viajero errante, tendo, umas vezes, opaca no olhar, a sombra inexpressiva do desânimo e, outras vezes, refulgida na frente, a enerjia arrogante dos grandes genios: ora, descendo a arrastar-se nos pantanos macios da planície, ora elevando-se aos píncaros nevados da montanha, iluminados d'um sol forte de vitória.

E a vida — esta vida por tantos idolatrada — não me parece mais que um oceáno batendo monótono e insignificativo nas areias silenciosas duma praia deserta. Esta vida, só por momentos determinados, se me afigura bêla e veneravel: e é quando, oceano fus-

tigado por um vendaval violento, revolido por uma tempestade indômita, trás á tona ondulante um vulto titânico, orgulhoso e altaneiro — o Genio — que mostra, á impassibilidade muda dos espaços, a biblia sagrada dos seus sofrimentos mais eterizados, das suas duvidas mais atrozes, das suas cojitações mais profundas. E' nêstes momentos que eu amo a vida; e não, de maneira alguma, nos momentos vulgares e banais, em que éla é uma intriga baixa ou uma satisfação soêz. Venêro-a e âmo a, quando refulgura o *bilbos* de Plátão ou se prostra sob a majã arrebatadôra duma estrofe de Vitor Hugo.

II

Ora, aquêles momentos bêlos da ezistencia determinam-se de lonje em lonje, de séculos a distancião dos séculos.

Medeia relativamente um espaço imenso entre os tempos gloriosos de Virjilio e os tempos do glorioso Dante.

Não se interpõe, porventura, entre Sócrates e Descartes, uma vastidão tenebrosa? Entre Anaxágoras e Darwin?

As grandes épocas da Historia interpolam as penumbras indecisas da vida. O seculo de Pericles, o seculo de Augusto, o seculo de Luiz XIV, que simbolizam as grandes *étapes* da humanidade, quantas vidas enerjicas não esgotaram para que se impozessem nas indecizões vagas dos tempos... E ao presenciar isto, então, interrogo-me severamente, firme e concentrado, ácerca da causa efficiênte desta marcha tão irregular quanto inconstante da civilização.

A curva que o progresso descreve através dos tempos, seguirá as sinuozidades duma irregular espiral? Duma alongada elipse? Será realmente ezáta e deciziva a expressão do notavel revolucionario: «A historia do pensamento humano fás lembrar as oscilações do pêndulo. Após um largo periodo de sôno, chega o momento de despertar»... (?)

Ou será a irregularidade que notâmos na marcha da civilização, uma apparencia falás que nos ilude?...

Palavras, palavras, palavras, como afirma o trágico heroi shakespereano.

Progresso! Não serás tu, velha esfinge, uma ficção abstráta, uma ideia inutil, uma palavra, apenas?...

Não no creio. Mas a dúvida crava a sua gárra cruenta no âmago do meu anciádo coração.

E interrógo mais severamente a minha alma e ezi-jo-lhe que me desfaça, qual neblina invernal, a cerração do meu vago pensar.

E éla, então, erguendo-se duma humilhação, duma modestia que sempre, ou quâzi sempre, é, na realidade, uma hipocrizía, um preconceito, uma calculáda lizonja que acaricia a induljencia de quem nos escuta, éla, recobrando um vigôr austéro, altaneira, imparcial, dis-me...

III

E dis-me... O progresso na realidade eziste.

Observa-se — é indubitavel — no decurso evolutivo da humanidade, umas, aparentemente, inesplicaveis indiferenças por certas noções adquiridas, uns subitaneos retrocessos. Ha remotissimos seculos, sob os contemplativos céus do Oriente, Laotseo e Budha prégaram sublimes principios morais, incontestaveis, que todavia, são quaze inteiramente esquecidos. Conhecimentos belos de Aristoteles foram soterrados no Lethes medieval. E assim, mais. Mas isto não garante absolutamente que o progresso seja uma ficção inutil e até nociva. A meu ver, isso significa simplesmente, que o ambito do Incógnito é tão assombroamente vasto que a intelijencia humana perdida nos labirintos do Infinito, ora, desprezando sendas já devastadas, torce caminho em direção desconhecida, ora reaviva e retempera o seu poder retentivo nas memorias do passado.

O pessimismo ou o ótimismo são, nestas occasões, a febre do desânimo ou a febre da luta, o assombro duma desiluzão ou o devaneio perdido duma esperança. Reje, sem duvida, eu o creio em absoluto, uma lei inevitavel o movimento evolutivo das sociedades e as grandes epocas da Historia são efeitos de complécsas e determinadas causas. E essas grandes epocas não são quais farois subitaneos que se acendem por destinos misteriozos sobre os mares ajitados da vida. O pensamento humano jamais adormece e consequentemente jamais desperta. Ele vela sempre. Quer nas mudas pacificações, quer nas fráguas bélicas das Revoltas.

Nós — simples espetadores — sómente escutammos as impetuozas *hossanas*, as veementes epopeias na rubra aurora duma época determinada; mas nunca, nunca as auscultamos nos peitos anciados d'Aqueles que por longos seculos, durante noites longas de in-

vestigações, iam desvendando, vitoriosos, novos astros, novos espaços, novos horizontes. Nós não ouvimos, sem duvida, o estertorar de arrebatadoras *hosanas* nos peitos magoados d'Aqueles, para os quais a vida é, não uma intriga, um pesadêlo, uma tortura, mas uma vitoria heroica, uma apotêose intensa.

Os momentos belos da existencia são as resoluções lógicas de pacientes e prolongadas labutações. O Genio da humanidade aparece urgente e elevando se no espaço, abranjendo dum relance o universo, na vastidão imperioza da Intelijencia, define os mais belos pensamentos, descobre as mais sublimes harmonias. A vida é monótona e insignificativa. Mas o Genio, na tosca aridês da vida, fere os lumes mais irradiantes e os mais fecundantes.

Assim, fês Newton. Assim, Descartes. Assim, Shakespeare. . .

Eis o que me disse — a minha mente — simples, vigorosa, na altivês da sua imparcialidade sincera.

Antonio Cobeira.

Algumas palavras sobre a historia da educação

— Adão foi filósofo? — perguntava um historiador da filosofia.

— Onde principia a historia da educação? — perguntam os historiadores pedagogicos.

— Certamente que, desde que um homem appareceu sobre a terra, pensou, raciocinou e se interrogou sobre tudo que o rodeava, os fenomenos que o admiravam e que êle, na sua rudeza de selvajem, não podia explicar, êsse homem arquitétou, sem duvida, hipóteses mais ou menos absurdas, imaginou causas misteriosas e incompreensiveis para êle, e, começando a adora-las como divindades, cria a religião e fórma todo um sistêma filosófico, embora rude, grosseiro e absurdo, como rudes deviam sêr todos os seus pensamentos.

Da mesma fórma, desde que ezistiu uma familia, surjiu um sistêma de educação, sem que, contudo, haja algum interesse prático em conhecer essa *Pedagogia*.

O que nós vemos, lançando a vista sobre a *Pedagogia*, é que a educação teve sempre uma influencia poderosissima sobre o desinvolvimento das sociedades e que, segundo a orientação que lhe era dada, estas apresentavam um caráter religiôso, belicôso, mais ou menos artistico, de independencia e altivêz, etc.

«A *aquisição* de conhecimentos é a melhor maneira de fazer revoltados» — diz Gustávo Le Bon.

Não estou absolutamente de acôrdo com o grande pensador francês.

A instrução é, sem dúvida, um fátor importante, uma alavanca poderosissima para levantar no espirito do homem a ideia de revolta, mas é preciso que essa instrução lhe não seja imposta como um dógma; é preciso que se deixe raciocinar livremente desde criança; que se habitue a acreditar ou deixar de acreditar, a seu bél-prazer, sem sujestões ou imposições de espécie alguma; é preciso, enfim, que uma educação racional venha auciliar essa instrução, que muitas vêzes mal dirigida, se converte num elemento de retrógrada reação.

Reportando nos na historia da educação até aos povos orientais, encontramos os *hindus*, cujos sistemas educativos são o refléso da sua organização social e vice-versa.

Este povo, fanáticamente religiôso, e com o seu espirito de casta, não permitia aos individuos uma escolha livre de profissão, não consentindo que se elevassem pelos seus dotes pessoais e atrofiando-lhes, desde criança, toda a espontaniedade, todo o germen de independencia individual.

Com uma educação verdadeiramente panteísta, fazia da criança um sêr inconciente, sem vontade, embebido em contemplações místicas da alma. Para o indio, o ideal da verdadeira educação é o desprêzo de todas as cousas terrestres e a absoluta admiração pelas *divinas*.

Como consequência desta educação, o indio era duplamente escravo. Escravo submisso de Deus e escravo dos seus semelhantes, que o obrigavam a aprender o officio dos seus avós, quaisquer que fossem as suas tendencias pessoais.

(*Continúa*).

LUCINDA TAVARES.

A escola é o baluarte contra o vicio, a corrupção e o crime; é o poema de amor que embala a criança nos seus primeiros anos, deixando-lhe tristes ou amoveis recordações consoante foi para ella uma prisão ou um lugar de prazer.

Rêgoa

ROSALINA FERREIRA.

Arte

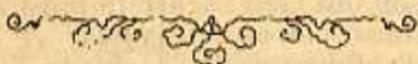
Talvez nascido em fundo subterraneo
onde a miseria pela morte aneia;
a alma trazes de revolta cheia
p'ra descerrar num fremito espontaneo.

Sem mêdo que a traição cruel profane-o
teu bafejo suave aformozeia
a mais grosseira e campezina ideia,
ha muito enclausurada em rude craneco.

Que seria do mundo se não fosse
o poder genial do Pensamento,
que, retocando a vida, a torna dôce...

Tu és, ó Arte, a mãe do Sentimento,
tu foste quem o amôr ás almas trouse:
tua voz emmudece o sofrimento.

BENTO FARIA.



MALDADOES

Ela era muito pequenina e mãe; mãe, já se vê, como ha muitas na idade d'aquela, da Luíza, que só contava seis ânos; tinha uma filha, mas feita de trapos. Ha assim muitas mães e, sem assim o sêrem, ainda ha mães que trátam as filhas como as crianças não trátam as bonecas.

O seu papá era alferes de cavalaria; na rua, de *képi* guapamente pôsto, um tudo-nada ao lado, ás vêzes de mãos nos côpos da espáda, outras a espáda sobraçada, outras ainda cantando pelo chão com sua voz assassina. Em casa era outra coisa: deixáva a linha retezissimamente vertical e tornáva-se outro, punha-se á vontade, como se efétivamente desprezasse aquélas posturas forçadas que até o esfalsávam, coitado! — e sentáva-se numa cadeira a descansar d'aquêlê servicinho fatigante.

A mãe de Luíza era uma espécie de impedido do alferes, submissa ao marido como só o sabem sêr as mulheres devótas, crêntes fervorosas na santa reli-

jião, onde aprenderam a gozar a liberdade pãra depois de morrer — que é uma coisa muito bonita e comovente, e trás um grande proveito... á nossa alminha!!

Mesmo com este feitio, eram os pais o enlêvo da pequenita: — se até uma vassoura basta, ás vezes, pãra constituir o enlêvo duma criança! ..

A Luizíta largava a boneca e passava a fazer de boneca de trapos no regaço do pai, que, acavalgando-a nos joelhos, troteando, fingia de burro. Já não podia mais a pequenita com o troteio desenfreado do *arre-burrinho*, e, sufocáda em risos e chóros, chamou a atenção da mãe que andáva perto e cuja presença, aflita em cuidados, fez parar a cavalgada. O marido socegou-a — que era brincadeira.

Aquietáda a criança, olhou com os seus olhos perguntadores o rôsto embigodado do pai e a espáda que ora estava encostada a um recanto da salêta. E avançou a sua curiosidadezinha:

— Para que serve aquilo, papá?

O pai lhe respondeu, que servia para matar pessoas más.

Saltando a Luíza do pescoço do pai, á mamã faz um pedido de um laço escarlate para a boneca e, ao chegar-se aos vidros da janêla, vê num dêles uma pobre môsca teimosa em perfurar a vidraça com a mesma insistencia do pobre crênte em entrar no ceo.

Com um lenço de assoar entonteceu a môsca, depois agarrou-a, arrancou-lhe as azas e deixou-a desesperada em dôres a correr pelas tâbuas luzidífas da salêta. Assim se vingava das môscas, que eram más, pois não largavam nunca o assucareiro ao almoço e os dôces ao jantar.

A mãe repreendeu-a, maguou-se mesmo e pretendeu magoá-la: a Luizíta gostaria que lhe tirassem os braços por éla ser má em quebrar e estragar tudo? Então, pãra que arrancára as ázas á môscazinha? As ázas á môsca faziam-lhe tanta falta como os braços a éla, á Luizíta.

Isso não era coisa que uma menina fizesse... Ora a má!..

Luizíta já havia perdido de vista o insêto e, de ôlhos pregados no chão, ouvia a reprimenda e fazia beicinho.

A mãe sorriu, sorriso materno para o militar, que já lhe fizêra pé de alferes, recebeu outro, em resposta, e retirou-se na lida da casa.

A menina levantou os olhos, olhou o pai, viu-o se-

reno e bondoso, e correu-lhe outra vez pâra o regaço e, encarando a espáda, reperguntáva:

— O' papá, a espáda... diga... Se não sou bôa, porque faço mal á môsca, que é má, e se a espáda é pâra matar as pessôas más, o papá é bom, matando essas pessôas?!.....

ARAÚJO PEREIRA.

A nossa ortografia

Esta revista, que se publica com a única intenção de rompendo com todo o passado, sem respeitar nem ídolos, nem deuses, nem dogmas, nem preocupações, emancipar o povo instruindo-o e educando-o cientificamente e racionalmente, renegaria os seus altamente humanos e sociais intuitos se, na questão já tão suficientemente debatida da ortografia portugueza, não se collocasse ao lado das reformas ultimamente formuladas e timidamente ensaiadas com o fim de simplificar e racionalizar o nosso disparatado sistema de escrita.

Disparatado dissemos, e insustentável acrescentaremos, pois, na verdade, é estremamente caótico o estado em que se encontra a grafia da lingua portugueza eivada como está de variados sistemas cada qual o mais desconchavado e mais pobre de critério e de bom senso.

Não raro é deparar-se-nos uma palavra com duas ou três variantes ortográficas. Cada escritor tem a sua ortografia; cada dicionario e cada gramática escreve da sua maneira, e a imprensa, a celebrada «alavanca do progresso», o decantado «arauto da civilização», julga de pouca monta o modo de escrever as palavras.

Toda a gente protesta em altos berros, servindo-se de espresões que, á força de serem repetidas, já se tornaram banais e ridículas, contra certas formulas (como as letras dobradas e os símbolos de etimologia grega *th*, *ph*, *rh*, e *ch=k*) perfeitamente injustificáveis e que só servem para tornar obscuro ás crianças o insino da leitura e da escrita, para atravancar a extinção do analfabetismo e para dificultar aos estrangeiros a aprendizagem da nossa lingua.

Livros, folhêtos e opúsculos já se têm escrito sobre este importante assunto; alguns jornais publicam artigos escritos na velha e confusa ortografia, reclamando a simplificação e uniformização da linguagem escrita; nos congressos pedagógicos os professores primarios confessam as dificuldades que encontram no insino das primeiras letras devido á irracionalidade e complicação da escrita; as ligas, os centros e as associações de instrução entôam no mesmo côro de protestos contra o actual estado de confusão em que se encontra a ortografia portugueza. Mas... não se tem passado de sermões e de clamôres, e cada vez nos entendemos menos em materia de ortografia. E porquê?—Porque se está á espera que a Academia Real das Ciências se decida a «decretar» uma ortografia official!

Entre os academicos, porém, reina grande diverjencia de opiniões: muito poucos são pela sónica, a maior parte pela etimológica e alguns por uma harmonia entre esta e aquela.

Em a nossa opinião, em vão se esperará da Academia a adoção de uma ortografia simples e racional, pois bem conhecidos são o seu egoismo retrogrado, a sua pretenciosidade e a sua inação.

A proposito, lembra-nos um facto que é típico e por cuja veracidade ficámos.

Descutindo nós, um dia, com um estudante da Universidade, literato dos mais conhecidos no meio colmbrão e a quem não regatearemos relativo mérito, sobre a necessidade de simplificar a ortographia, argumentou o nosso interlocutor do modo seguinte, engastando na órbita um pedaço de vidro:

— Ora amigos! Deixem-se disso. Se se escrevesse tal com se fala, a literatura deixaria de ser uma Arte, a instrução superior seria escuzada. Toda a gente saberia escrever corretamente português.

Não pasmes, leitor ou leitora. Sobre-sair acima do vulgo, fechar ao povo as portas dos templos da Ciência e da Arte, impossibilitá-lo de desfrutar os mesmos gozos e as mesmas comodidades, é uma das curiosas manifestações do míope egoísmo dos privilegiados.

Pára aquele nóvel literato que entende dever ser a Arte um privilégio, a grande inconveniência da orthographia fonética é o tornar-se acessível a toda a gente escrever com correção a lingua que fala!

Escrever português com correção, entendem os doutos que deve ser uma prerogativa de quem tem um curso superior.

D'af, a sua persistência em incensar a orthographia etimológica — que não existe — porque dificulta a escrita aos que não sabem latim. D'af, a indicição da Academia em se manifestar a favor da orthographia simples e uniforme, pois, simplificada e uniformizada ela, escrever com acôrto, seria habilitação geral.

A simplificação e uniformização da orthographia portugueza, impõe-se a todos os inimigos do analfabetismo e a todos os amigos da infancia.

Se a escrita fôsse, o mais possível, a representação gráfica da linguagem falada, se a acentuação gráfica estivesse claramente regularizada de fórma que ninguém pudesse vacilar no modo de escrever um vocábulo ou hesitar na sua pronuncia, o insino da leitura e da escrita seria a coisa mais facil deste mundo, e a sua aprendizagem seria rapida, simples e agradável.

Por amor, pois, ás criancinhas para quem o aprender a lêr é um castigo e um enfado pela confusão e irracionalidade da pretensa orthographia etimológica, e como arma, a mais segura e a mais proficua, na guerra contra o analfabetismo que tanto faz retardar para os escravos o dia da sua redenção, sem esperar o consentimento ou o parecer dos sabios, emprehendâmos nós, os bons e os simples, uma dedicada propaganda, não só pela palavra mas pelo exemplo sobre-tudo, em pró da escrita simples, clara, racional e lógica.

E' completamente desnecessaria a aprovação official. Em todos os tempos, na historia do progresso, as maiores transformações, as mais importantes reformas, teem sido sempre desempenhadas pela iniciativa particular.

Que os rapazcs de hoje, os *nóvos* que escrevem para o público, rebeldes aos principios rotineiros; que os professôres a quem o coração se deve confranger ao vêrem-se obrigados a martirizar as crianças com convenções ilógicas; que as mulheres, cujo interesse ou adesão tão grande influencia tem ezercido em todos os melhoramentos ou inovações; que todos os que se dedicam, em somma, á educação e instrução populares, se lancem a espalhar largamente, a generalizar, a orthographia literal.

E' certo que certas simplificações e alterações, em virtude do costume entranhado, despertarão certa repugnancia nos espiritos dominados pela rotina sedicã e obstinada. Essa aversão, porém, ha-de ir paulatinamente esvaecendo-se com o hábito

A' Imprensa, que, embrenhada nas intrigas da politica, tão esquecida anda e tão afastada está da sua elevada missão, compete o dever de ir acostumando o povo á nova ortographia.

Passada a primeira impressõ de estranhêsa, toda a gente de sizo e sem pretensões irritantes, aceitará com agrado a simplificação e uniformização da escrita.

«Amanhã» como revista de educação e instrução racionalista que pretende sêr, e esforçando-se por conformar sempre os seus atos com as suas palavras, procura simplificar, quanto possível no atual momento, a sua ortographia, conservando ainda provisoriamente algumas formulas antigas não por sentir escrúpulos em as espurgar por completo, mas por querer levar evolutivamente os seus leitores a aceitarem sem estranhêsa a nova ortographia.

A esta razão acrescentaremos mais duas: a falta de certos caracteres ou a sua pequena abundancia nas caixas tipográficas e, —esta é de todas as razões a principal— a duvida que ainda em nós existe em, no meio de tanta diverjencia sobre certas reformas ortográficas, optar por esta ou aquella opinião. Como não temos pretensões a sabios, confessamos isto sem o menor rebuço, e porque nos empenhamos pela consecução de uma ortographia simplificada e racional, com o máximo jubilo pômos as nossas pájinas á disposição dos estudiosos sincêros para a ventilação deste problema que reputamos momentoso.

Entre as principais alterações que, em sentido de uniformizar e simplificar a ortographia portugûesa, pômos desde já em prática, enumeraremos as que se seguem:

I—Redução das consoantes dobradas a sinjêlas com escção de *rr* e *ss* por terem valor especial e de *m* e *n* quando se pronunciam (exemplo: emmalar, enervar).

II—Proscrição absoluta de tôdos os símbolos de etimolojja grega *th*, *ph*, *rh*, *ch* (=k), e substituição de *th* por *t*; *ph* por *f*; *rh* por *r*; *ch* (=k) por *qu* antes de *e*, *i* (exemplo: fosforos, reumatismo, química, máquina).

III—Proscrição nas palavras portugûesas ou aportuguesáveis das lêtras *w* e *y* que se substituem respetivamente por *v* e *i* (exemplo: Venceslau, liceu, iáte).

IV—Eliminação de todas as consoantes nulas: dano, hino, sôno, receção, inscrição, ação, inseto, affto, cêna, ciência, consciencia (e não consciencia formada de con + ciência).

V—Eliminação de *h* quer entre vogais quer entre consoantes (exemplo: teatro, compreender, desarmonia), matendo-se apenas antes de *e*, *i*, *n* (*ch*=chave; *th*=malha; *nh*=mancha) e provisoriamente quando inicial.

VI—Substituição de *ge*, *gi*, mediais por *je*, *ji* (exemplo: elejer, reafir, viagem) conservando-se apenas provisoriamente quando iniciais.

VII—Emprego esclusivo do *x* quando tem o valor de *ch* (exemplo: luxo, peixe, seixo, xadrez, puxar).

Quando o *x* tem o valôr de *cs* como um *sexo* e *reflexo* escreve-se *sêcco* e *reflêcco*.

Quando o *x* tem o valôr de *s* como em *mixto* e *experiençia* escreve-se *misto* e *esperiençia*.

Quando o *x* tem o valôr de *ç* com em *exercito* e *exame* escreve-se *ezêrcito* e *exãme*.

Quando o *x* tem o valôr de *c* como em *auxillo* e *próximo* escreve-se *auçillo* e *próximo*.

VIII—Todos os vocábulos esdrúxulos devem ser acentuados na sílaba predominante (exemplo mñgua. áureo, espírito, lôbrego).

IX—Acentuação gráfica em todos os vocábulos agudos terminados em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, *em*, *ens*: *maré(s)*, *avó(s)*, *avô(s)*, *vintém*, *vin-*

téns; e em todos os monossílabos em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*; pá(s), pé(s), rês.

X—O *i* e o *u* tônicos, quando não formem ditongos com a vogal precedente devem sêr acentuados (exemplo: saír, saúde, caír).

XI—Quando *u* precedido de *q* ou *g* e seguido de *e* ou de *i* se pronuncia, põe-se-lhe trema (ü); (exemplo: consequência, antiqüíssimo).

Do snr. José de Meireles Bacelar, residente em Vermoim, Maia, recebemos uma carta em que nos pede que declaremos não ter sido êle o autôr do esplendido conto do nosso amigo José Bacelar intitulado "Um crime" e publicado no nosso numero prèterito.

Apressamo-nos a satisfazer o desejo do snr. José de Meireles Bacelar.

Com effeito, o conto "Um crime", tão impressionante pela sua colorida descripção e pela flagrante realidade do assunto, não é original do snr. José Meireles Bacelar, residente em Vermoim, mas sim mais uma das produções literárias de muito merecimento do fino poeta e encantadôr novelista José Bacelar, autôr de varias obras consagradas pelo raros criticos a valêr, como, por exemplo, em verso: *Ódio Santo* (1907), *Revoltados* (1907), *Terra Livre* (1908), *Paz!* (1908); e em prosa *Cartas ás mães* (1901) esgot, alem de varias traducções de trabalhos revolucionarios.

ESPEDIENTE

As pessoas a quem enviámos pela primeira vez a revista «Amanhã», pedimos o favor da sua assinatura. Caso não queiram prestar-nos esse auxilio, solicitamos mais a fineza de nos devolverem immediatamente o exemplar com a mesma cinta com que d'aquí é expedido, o que nenhum dispendio de dinheiro lhes acarretará, bastando dá-lo ao carteiro com a recommendação de o devolver.

— As pessoas a quem enviámos o nosso numero inicial e que até a esta data não no-lo devolveram, ficaram consideradas nossas assinantes, e a elas enviaremos, com o numero 3 d'esta revista, o titulo da cobrança, salvo se até a saída desse numero, tiverem enviado á nossa administração a importância das suas assinaturas em estampilhas, com o que economizarão a despesa da cobrança pelo correio.

Sumário do número anterior

Ao leitor, pela Redação — Saudando — Eduquemos sempre, por Emílio Costa — Sobre educação integral, Deolinda Lopes Vieira — Um crime, conto de José Bacelar — A Mãe, sonetos de Manuel Ribeiro — Um dilema, Tomaz da Fonseca — A deftolencia do divorcio, por Pinto Quartim

O próximo número aparecerá a 1 de Julho.

A'MANHÃ

Revista popular de orientação racional

(Aparece nos dias 1 e 15 de cada mez)

Publica estudos sociológicos e de educação moderna, contos, poesias, criticas, músicas, canções, retratos, desenhos artisticos, etc., etc.

Preços das assinaturas

Para o continente, Espanha, ilhas e colonias portuguesas:

Serie de 6 números (trimestre) incluindo o im- porte do correio	150
Serie de 12 números (semestre)	300
Numero avulso	30

Para o Brasil (moeda fraca)

Serie de 12 números (semestre)	2\$000
Serie de 24 números (ano)	4\$000
Numero avulso	200

Para os outros paizes:

Serie de 12 números (semestre)	2,50 fr.
Serie de 24 números (ano)	5 fr.

Pagamento rigorosamente adiantado que pôde ser feito em estampilhas continentais — Acresce a despeza da cobrança quando esta se fizer pelo correio.

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importância.

Todas as pessoas que nos enviarem diretamente uma lista de dez assinaturas *garantidas*, receberão gratuitamente a revista «A'manhã».

AJENTES

Accitam-se em todas as terras onde ainda os não haja, concedendo-se a percentagem de 20% em cada exemplar e garantindo-se uma assinatura gratuita logo que angariem um numero superior a 10 compradores, sendo por conta da administração todos os gastos da remessa e devolução dos exemplares.

Venda de livros

A administração da revista «A'manhã» satisfaz com prontidão todas as encomendas de livros quer nacionais quer estrangeiros que venham acompanhados da importância correspondente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periodicas da Europa e da America.

Esta revista encontra-se á venda nas principais livrarias, quiosques e tabacarias do pa'z.